

# Vicentão

## **Borboleta**

Pseudônimo literário de Fábio Amorim de Matos Jr

*[...] Porquanto este [Anaximandro] assevera não que peixes e homens vieram ao mundo em ambientes idênticos, mas que, de início, surgiu o homem dentro do peixe e que ali foi alimentado – como os tubarões –, somente emergindo e ganhando a terra quando já apto a cuidar de si mesmo. Assim, da mesma forma como o fogo consome a matéria a partir da qual foi gerado [...], assim Anaximandro, tendo declarado serem os peixes a um só tempo pais e mães dos homens, clama para que não nos alimentemos deles.*

*Plutarco*

Dói admitir, mas é preciso concordar que meu irmão, Vicentão, foi mesmo o culpado pelo estrago da lagoa. Talvez, por isso, não tenha sido justo eu ter avançado em cima do Geraldão quando ele me alertou pro fato; mas também é de admitir que não me era dada muita saída, afinal, nesse caso, a verdade cheirava a insulto, e na impossibilidade de meu irmão apresentar defesa, foi necessário que eu acudisse sua memória perante os fregueses do Puteiro do Conrado. Pra bem dizer da verdade, não arrependo uma palha de ter avoadado pra cima dele, aliás, nem me desgosta tanto ter ficado com o nariz torto por conta do acontecido, acredito ter valido a pena e, caso fosse preciso, estaria disposto a apanhar de novo.

Verdade mesmo é que meu irmão, desde menino, sempre foi dado a esquisitices. Pra se ter idéia da gravidade da situação, basta lembrar que ainda catatau o moleque não me comia carne, alegando ser amigo dos animaizinhos. Só de pensar no episódio sinto o corpo empelotar de vergões, tantas foram as coças, com vara de marmelo, que tomamos de pai – pois, conforme regra do velho, na precisão de castigar um filho, o melhor mesmo é bater em todos, pra aproveitar a viagem e evitar que os outros caçoem do sovado. E como as surras e as proibições de pai de nada valiam pra Vicentão, o resultado era que

sempre apanhávamos por conta dele. De primeiro, resolvemos por cobrar vingança, dando-lhe mais outra tunda, por nossa própria conta, toda vez que sentíamos o peso da mão de pai; confesso que, de início, até achamos graça em descontar nele a dor de nossas chagas, mas, com o tempo, começamos a suspeitar que o prazer não valia a nova tarefa que tomaríamos por sua próxima desobediência. Por conta desse cálculo, resolvemos mudar de estratégia e, ao invés de espancar Vicentão, tratávamos de desviar a atenção de pai toda vez que havia perigo dele dar com nosso irmão rodeado por vacas, dentro do galinheiro ou deitado no chiqueiro em plena conversa com as criações. Assim, não apenas evitávamos as surras, como sentíamos a cor do carinho de mãe, que, por não querer ver nenhum de nós apanhar, sempre foi decisiva na distração de pai.

Anos depois, ao invés de tomar a lida da roça, agarrado no cabo da enxada, como era costume de todos, Vicentão foi pra cidade grande, fazer companhia pra uma nossa tia, recém enviuvada. Tia Bete também era bem diferente do comum da gente, pra começar nunca quis parir nenhum guri, dizia que criar e dar leite são coisas de vaca e não de pessoas. Pra falar com verdade, embora nunca tenha dito nada, pra não parecer que faltava com o respeito, eu sempre fiquei encucado com essa dela; pois se ela achava mesmo que só vaca é que pare e dá leite, então, como ficava ela própria e os demais das criações, era tudo irmão de bezerro?

Mas, o engastaio maior era que, apesar dos doces de fruta que só ela sabia fazer, aturar Tia Bete era coisa de outro mundo, que ninguém, por mais ruim que fosse, merecia; por isso toda aquela agitação quando a notícia da morte de tio Diógenes apareceu, era um tal de menino adoecer, de pular muro pra quebrar perna, de agarrar na labuta pra fazer diferença no sustento da casa, tudo pra não ser castigado, pra não ter que brigar com a saudade na cidade grande e, sobretudo, pra não ter que dividir a hora das novelas com Tia Bete. Dito isso, fica fácil entender porque penso, embora nossa mãe nunca tenha dado confirmação, que a escolha de Vicentão foi mesmo como uma espécie de castigo, uma tentativa de ver se na cidade – onde encontrar animal não é coisa lá tão fácil – ele esquecia um pouco das amizades com as criações.

Não houve quem não se apiedasse da pele do mano Vicentão, afinal, sem exagero de minha parte, era preferência de qualquer um de nós enfrentar mil surras de nosso pai do que estar um único dia na companhia de nossa tia. Por isso nosso espanto, quando vencida a época do luto, Vicentão manifestou o desejo de ficar por lá, pra dar cabo dos estudos – aliás, tá aí outra coisa que nunca pude entender, de que valia tanto esforço gastado em estudo, se a cada visita nosso irmão aparentava mais esquisitices? Vá lá tentar entender cabeça de gente doida e periga a gente ficar maluco também! De qualquer

modo, o fato é que, além das poucas visitas em final de ano, Vicentão nunca mais voltou pra roça.

Mas esquisito, esquisito mesmo, foi a vez em que ele trouxe a namorada. Mamãe logo embirrou com a moça, alegando faltar modos à rapariga, que não fazia cerimônia em atrelar e beijar Vicentão pelos cantos, levantando a vergonha aos olhos de todos e obrigando nossa curiosidade a agir disfarçadamente, espiando só pela quina dos olhos. Tenho que concordar com mãe quanto à esquisitice de minha cunhada, afinal, por essas bandas, não era costume nosso topar com uma moça de corpo desenhado e com uma penca de brincos espalhados pelo nariz, pelo umbigo, pela sobrançelha e sabe-se lá por mais onde; mas daí a dizer que a moça era ruim de coração, como era pensamento de mãe, é ter palavra fugidia da verdade. O mais interessante era observar como os dois se davam, por falar nisso, assim como Vicentão ela também não comia carne. Estranho foi que quando perguntei se era pelo mesmo motivo de mano, pela amizade com os animaizinhos, Vicentão corou, cortou minha fala e tratou de explicar que eles eram vegetarianos por conta de acreditarem que a alma nunca morria e sempre voltava nos outros corpos. Até aí a coisa não era de descambar, afinal, todos acreditávamos em almas de outro mundo, aparições e coisas do gênero, assim como ninguém duvidava que Deus mandava uma alma pra cada menino que nascia. Mas quando Vicentão e a namorada afirmaram que pra eles as almas poderiam voltar também no corpo de animais, sendo que o boi ou o porco que comíamos podiam ser, na verdade, algum conhecido ou mesmo nosso avô há muito falecido, achei o pensamento uma injúria e cheguei à conclusão de que eles estavam totalmente pirados; por isso tratei de esconder o caso de pai e mãe, com medo do efeito que a idéia provocaria em ambos. Vendo meu espanto e adivinhando minha desconfiança, os dois trataram por me confortar, explicando que a idéia não era deles, mas de um sujeito que eles não conheceram, porque havia vivido muitos e muitos anos antes de Jesus e se chamava Metempsicose – confesso não saber se esse era o nome do maluco ou da sua idéia, por um lado é nome nada comum pra uma pessoa (imagine alguém se chamar Metempsicose, ficava até difícil de botar apelido num sujeito desse), por outro lado nunca vi ninguém dar nome a uma idéia. De qualquer modo, a verdade é que, embora tenha Vicentão escrito o nome em papel, a gentileza não foi de muita valia, visto que até hoje nunca encontramos, por esses lados, ninguém que fosse capaz sequer de pronunciar com retidão o maldito nome. Somente hoje, anos depois da morte de Vicentão, percebo que naquela ocasião eles deveriam de estar me engabelando; afinal, se Jesus é Deus, e Deus criou o mundo, como poderia esse doutor Metempsicose ter vivido, como eles diziam, antes de Jesus, antes de Deus, antes do próprio mundo?

A morte de Vicentão nos pegou de surpresa, a mim na tirada do leite, à mãe na peleja do fogão de lenha e a pai no arremate de um pito de paia. Como de costume nessas

ocasiões, aprumamos o terno preto e rumamos pra cidade grande, pra expressar nossa paixão e dar consolo pra viúva. Sabíamos que não íamos a tempo pro velório, mas nunca suspeitaríamos que não havia tido nenhum enterro. A descoberta se deu pouco após nossa chegada, em virtude do insistente desejo de mãe em rezar perante a cova do filho. De primeiro, minha cunhada até tentou dar de desentendida, mas bastou que mãe lhe ralhasse pra ela aparecer com a tal caixinha. Como era um objeto bem bonito, em forma de baú, a primeira coisa que me veio em mente é que comeríamos deliciosos biscoitos de nata. Mas quando ela pôs a caixa sobre a mesa e disse à mãe: — *Tá aí, pode rezar!* Ficamos todos por entender qual o rumo da graça.

Realmente, descobrir que nosso mano não bastasse ter morrido, ainda por cima tinha sido queimado e guardado em uma caixinha de biscoito não foi nada fácil — por vezes desconfio que esse tenha sido o golpe fatal no destino de mãe. De qualquer maneira, conforme nos juraram de pés juntos os amigos dele, lá estava assinado o seu desejo; sendo assim, se era mesmo do gosto dele, mais uma vez tenho que dar razão à minha cunhada, afinal, vontade de morto é coisa que não se deve deixar por fazer. Agora, o que me encabulou mesmo foi pensar como Vicentão, um homão daquele porte, teve tamanho pra caber em uma caixinha menor do que um ninho de galinha. Tá certo que fogo é coisa que consome, mas naquele caso a desmedida era grande; por isso ainda guardo comigo a desconfiança de que ou a tal caixinha não guardava toda a cinza de Vicentão, mas apenas de uma parte dele — a dos pés talvez —, ou então, depois de queimado, foi preciso que socassem os restos de meu irmão em algum pilão gigante, pra que ele pudesse diminuir daquele modo.

Mas as esquisitices de Vicentão não pararam por aí. Não contente em já quase ter matado todo mundo com aquela história, o endiabrado do homem ainda nos deixa a incumbência de esparramar suas cinzas na lagoa perto do sítio. E como o caso não estava sujeito a contestação, visto que ele tivera o trabalho de deixar por escrito o maldito desejo, a briga era por decidir quem ia executar a tarefa. Como sempre acontece em casos que envolvem gente desregulada, a pendenga caiu sobre mim. Não tendo outro recurso, lá fui eu, contrariado em ter que oferecer meu irmão de ração pra peixe. E se é verdade que era justamente isso o que ele desejava, ao menos quanto aos motivos tratei de guardar segredo, pois se virasse notícia era bem capaz de todo mundo suspeitar que a loucura tinha tomado conta dele. Afinal, não é coisa normal de uma pessoa acreditar que o primeiro homem do mundo nasceu de um peixe; que os mais antigos se fiassem nisso, conforme escreveu Vicentão, sou até capaz de não duvidar, mas com os recursos de hoje ninguém mais põe em dúvida que foi Deus quem criou o homem à sua imagem e semelhança. Fosse meu irmão vivo e lhe contaria que o primeiro dos homens veio mesmo

foi do barro e se chamava Adão, mas estando ele morto e convicto daquela sandice, nada restava a fazer a não ser jogar suas cinzas na lagoa, pra que o desejo de voltar às origens se realizasse.

Assim o fiz, inocente, sem imaginar o engastaio maior que a coisa puxaria. Acontece que, depois do episódio, ninguém mais quis pescar na lagoa. Teve gente que chegou até a passar fome, alegando que se os peixes não se importavam de comer o Vicentão, eles ao menos não o comeriam de tabela. Demorou mais de ano pra que os mais corajosos voltassem a lançar anzol naquelas águas, e mesmo assim de maneira desconfiada; sempre que alguém pegava um peixe grande ou que lembrava em alguma coisa o Vicentão, logo soltava o bicho. De modo que por uns bons tempos ainda só se comiam os peixes bem miúdos, mais espinho e menos carne, que por conta da idade não teriam tido tempo de se alimentar de meu irmão.

Agora, lá em casa mesmo, nunca mais se comeu peixe nenhum, nem da lagoa nem de outro lugar. Peixe lá só morre de morte morrida e com direito a velório, lamento e enterro. Tudo por conta da insanidade que tomou conta de mãe depois da morte de Vicentão. Dá pena de ver, uma mulher tão nova, ainda sadia, vivendo pra lá e pra cá em roda dos poços de alvenaria que pai foi obrigado a fazer por insistência dela, pegando os peixes grandes, fazendo carinho, cantando cantiga de dormir, costurando roupinha pra eles e até celebrando aniversário com biscoito de polvilho e tudo...

Mas coisa estranha mesmo aconteceu foi ontem, depois do batizado duns peixinhos que nasceram no final da quaresma. Eu estava mesmo pensando em Vicentão quando desconfiei que o maior peixe de casa tava como que me espiando, com a boca aberta, querendo dizer alguma coisa. Daí foi só chegar mais perto pra ter certeza que ele tinha mesmo um parentesco com meu irmão: um olhar manso que ninguém mais no mundo pode ter. Ainda tentei perguntar alguma coisa, mas, se ele respondeu, não me foi dado escutar. Agora, se meu irmão tava mesmo com a razão, e a alma dele voltou pra algum desses peixes, é coisa que ainda não pude verificar; por via das dúvidas, penso que o melhor seria deixar de comer carne por uns tempos, afinal, os animaizinhos também tem lá seus interesses. De qualquer modo, com ou sem alma, nesse ou naquele corpo, se depender de mãe, Vicentão viverá pra sempre no nado desses poços.

À minha mãe.